

DA AUTORA DE *TUDO QUE JÁ NADEI*

BRINCA- DEIRMAS

LETRUX

PARTE



Planeta

TRECHO ANTECIPADO SEM DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



BRINCA
DEIRAS



LETRUX

PARTE



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Letrux, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Marcela Prada Neublum
REVISÃO: Fernanda França e Lígia Alves
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
EMOJIS: Envato elements/ Icons8
CAPA: Pedro Colombo

dados internacionais de catalogação na publicação (cip)
angélica ilacqua crb-8/7057

Letrux

Brincadeiras à parte / Letrux. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

176 p. : color.

ISBN 978-85-422-3740-5

1. Ficção brasileira I. Título

25-2991

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

/ BRINCADEIRAS À PARTE

1 / Loteria 9

Pausa para um cigarro: 26

2 / Buraco 29

Pausa para uma larica: 38

3 / Paciência 41

Pausa para mexer no celular: 52

4 / Telefone sem fio 55

Pausa para pensar: 72

5 / Xadrez não, dados sim 73

Pausa para conversar rapidinho: 86

6 / Nome na testa 87

Pausa para fazer xixi: 108

7 / Ser quem não se é 111

Pausa para beber alguma coisa: 124

8 / Qualquer jogo 127

Última pausa antes de acabar logo com isso: 143

9 / Oráculo 145

Pausa porque não se aguenta mais brincar: 164

1 / LOTERIA

*Games, changes and fears
When will they go from here?
When will they stop?*

Macy Gray

Quando uma criança passa a testa muito perto de uma quina de mesa, eu sinto um gelo forte no cu. Dura segundos, mas, fosse medida minha temperatura anal, perceberiam o congelamento do local. Diz que pode ser negócio de outras vidas. N'outra vida parece que morri batendo a cabeça numa quina de mesa. Devia ser criança, ao que parece. Tentei segredar para poucas pessoas essa minha sensação excruciante, mas todas riram e protestaram. “Todo mundo sente isso, Glória!” Tive preguiça de validar quão gélido de fato meu cu ficava e acabei deixando pra lá. Talvez toda gente de fato gele o cu na iminência de uma testa infantil ser rasgada ou perfurada por uma quina de mesa.

Ritinha está dançando na sala, perto da mesa, de um jeito bem biruta, o que é motivo de meu fascínio absoluto com crianças. E também o motivo d'eu não as ter. Estar perto de crianças me deixa biruta, pois me sinto confortável para estar no nível delas. Não assumo a responsabilidade esperada, pelo contrário, acho atraente fazer uma regressão momentânea. Isso já me custou muito. Na rua, em casa. Sou proibida de sair com Ritinha. Dentro de casa permitem porque estão sempre de olho, mas, a qualquer bobeadinha, me cortam. Gisele é insuportável e com uma voz bem estridente, adora me castrar quando estou em ondas com sua filha. Ela esquece que a filha dela é minha sobrinha e esses elos são diferentes. Ela esquece que, mesmo eu podendo voltar a ser criança com Ritinha, eu me preocupo se ela vai ou não tomar pontos na cabeça. A regressão não é total, infelizmente.

Estou na casa dessa mala porque hoje é a noite da premiação da revista *Ilustres*. Você sabe. Uma dessas revistas com fotos das celebridades. Dentro de suas casas constrangedoramente imensas, fotos mais constrangedoras em cima da cama, da cara delas, do peito delas, do rego delas, dos herdeiros delas. As celebridades acham importante sair na *Ilustres*. Traz prestígio e é motivo de orgulho. Mesmo a revista sendo apenas trimestral, o site é constante. As redes sociais são

diárias. Todo mundo finge que não vê e não liga, mas é sabido que todo mundo vê. E liga.

Há uns bons anos, a *Ilustres* começou a fazer uma premiação das melhores coisas do ano. Melhor ator, melhor atriz, melhor música, melhor filme, melhor novela. Uma grande mistura alucinada e sem muitos critérios. Sem nenhum respeito aos mortos que ali passaram, alugam o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. As marcas injetam milhões, e a premiação ocorre numa noite cafona e estranha.

Infelizmente, minha irmã é atriz. E está indicada. Estamos na sua casa, ela está se maquian-do para o seu grande dia. Enquanto isso, minha mãe e eu estamos olhando Ritinha e fazendo escova no cabelo com um profissional contratado pela minha irmã. Ela faz questão de dizer que foi baratinho, para eu não me preocupar. “Só quinhentos reais cada escova, acredita?” Minha irmã é ser delirante e acha que, a partir do momento em que ela começou a enriquecer, a gente também. Não faz ideia de quanto uma dubladora ganha. Me fodo mensalmente para dar conta. Nossa mãe, então, coitada. Uma aposentadoria chinfrim, Gisele até ajuda, mas de forma aleatória, quando quer bancar a boa samaritana. Não pergunta de fato: “E aí, como tá esse mês?”. Eu não peço um tostão pois não quero criar vínculos com uma pessoa que já me esganiçou e me espancou e depois

fez uma campanha para uma ONG que apoia mulheres que sofreram violência doméstica, dizendo: “Não se bate em mulher nem com uma flor”. Não era essa a frase, mas era tão cafona que poderia ter sido. Vomitei a noite inteira. Quando fui agredida e quando vi a campanha. A carinha dela no Instagram com aquela vozinha de sonsa. Finjo que perdoei, mas não esqueço. Minha irmã me esgançou e me espancou uma vez numa viagem para o meio do mato. Sem nenhum motivo aparente. Ela deve ter sido contrariada e, manipuladora e narcisista que é, quis resolver na porrada. Com mais de quarenta anos. É vergonhoso se não fosse absurdo. Não contei pra minha mãe porque suspeitei que minha mãe bateria nela, num ato de vingança doentia. Somos latinas, gregas, mexicanas, brasileiras e complicadas. E minha irmã, tosca como é, poderia vir a público dizer que a mãe bateu nela. Mas ela mesma assumir que bateu em mim, jamais. Essa é Gisele.

— A mamãe vai ganhar um prêmio, vovó?

Minha mãe é tão maluca que fala com a neta como se estivesse falando com uma amiga de setenta anos.

— Não se sabe ainda, sua mãe foi indicada a melhor atriz do prêmio da revista *Ilustres*, uma revista que premia os melhores da televisão, mas a competição é acirrada. E um pouco idiota. O papel da sua mãe foi queridinho do público, mas

com uma curva dramática um pouco fraca... Nada digno de prêmio. Se bem que, se em Hollywood você precisa ficar feia para ganhar prêmio, no Brasil você só precisa falar bordões e torcer para as pessoas repetirem.

Quase engasgo de tanto rir. Minha mãe é muito figura. Não é a vovó fofa, é a vovó que manda na lata. Por sorte, Gisele estava fora da sala nesse momento, falando com o novo namorado. O maquiador e os cabeleireiros olharam para minha mãe e riram. Ritinha continuou dançando, e eu tentando lembrar qual foi o bordão da minha irmã nessa novela. Não consigo.

— Você não vai se manifestar lá hoje não, né, sua biruta? — minha irmã me pergunta de um jeito superestranho, como se eu fosse uma bandida. Continuo recebendo a escova e apenas fecho os olhos esperando que ela entenda que isso significa “não”, mas que, se ela me encher muito o saco, posso mudar de ideia e armar um tumulto.

“If the rebel in me can touch the rebel in you, and the rebel in you can touch the rebel in me.”¹

Jimmy Cliff entra aleatoriamente na playlist bem nessa hora. Minha vida é assim, recados são dados no ar e é melhor Gisele me respeitar, pois a vida está do meu lado, embora isso não signifique

1. “Se a rebelde em mim puder tocar a rebelde em você, e a rebelde em você puder tocar a rebelde em mim.”

dinheiro. Abro os olhos e a encaro intensamente enquanto repito *IF THE REBEL IN ME*. Lá pelas tantas, Gilberto Gil canta que a paz invadiu o coração dele, agora é a vez de Gisele me olhar enquanto repete a palavra PAZ, está vingada pelas escolhas randômicas telepáticas da playlist, com olhar de “nem vem”. E, de fato, hoje não vou. Não é dia d’eu causar bafafá, sinto.

Quando eu era criança, sonhei com seis números específicos. Acordei e só desenhava esses números, uma maluquice. Ninguém entendia nada. Fiquei obcecada mesmo. Tentaram até ligar para combinações dos números, mas o telefone nem existia. Eu via esses números em tudo, no relógio, no formato do feijão em cima do arroz, alguém gritava na rua os números (juro), sonhava com a sequência dos números, encontrava manchas no meu corpo que pareciam os números, enfim, estava ficando um pouco louca já quando o porteiro do meu prédio soube que eu tinha essa mania e um dia me disse pra passar na casa dele, que era uma salinha micra no térreo do prédio. Fui bem cedo, antes da escola, e vi Rubens vestido de mulher. Achei tranquilo. Ele nem tanto, e saiu falando que nem uma matraca para disfarçar: “Glorinha, esses seis números vão lhe dar muita riqueza um dia, joga na Mega-Sena, lindinha. Fé em Deus que você ganha. E se não for de primeira, vai de segunda, eu sinto, Glorinha, eu sinto

mesmo”. Não comentei com ninguém que vi o porteiro vestido de mulher, cheguei inclusive a achá-lo mais bonito assim. Resolvi obedecer e pedi para minha mãe jogar pra mim, mas ela esquecia ou prometia que no dia seguinte. Ninguém na família tinha essa prática. Esperei alguns anos e aí, um pouco maior, comecei a jogar os mesmos números sempre. Sempre mesmo. Nunca perdi um dia, feriado, nada. Não jogo mais, tenho preguiça de jogos inclusive, mas a obsessão da infância me dera um alerta maior do que a razão, e até online jogava, caso não conseguisse ir a uma casa lotérica. Cheguei a acertar uma quadra, mas os seis juntos, nunca rolava. A quadra me rendeu trezentos e cinquenta reais, uma bobagem. Não gosto de pensar no quanto perdi jogando, porque acredito que algo maior está para acontecer. Uma certeza alucinada me guia, e faço minhas compensações. O dinheiro que gastei é um dinheiro que eu usaria para comprar um produto melhor no supermercado, mas não me incomodo com os genéricos. Nos Réveillons, mantenho a tradição e invisto nos números; como a quantia é absurda e dá pra salvar ou comprar países, estendo meus números a pessoas que amo: fazemos um bolão de dez, doze pessoas. Mas ninguém sabe que eu jogo esses números toda semana, todo jogo. Vão julgar, e nem sei se alguém ali arranca as unhas e cheira. Pois então. Esse é meu segredo meio sujo.

Há uns dois anos, fui presa numa marcha pela legalização do aborto. Um tira babaca veio pra cima da gente, e eu sempre recorro à escatologia quando as palavras não bastam. Eu pedi para eles se afastarem, e nada. Aí acumulei saliva e cuspi no chão. O corpo demonstrando o que não consigo dizer. Uso muito essa tática em confrontos com homens, principalmente. Com mulheres usei pouco porque fico em choque quando uma mulher me ataca. Mas, depois de Gisele, estou mais preparada. Escaldada. Bem, os tiras ficaram bolados com minha cusparada e eu fui levada. A coisa foi feia, mas não tão feia a ponto de ter dormido no recinto. Mas passei muitas horas. A tarde toda, a noite toda. A sorte é que somos um grupo unido e forte e há uma advogada sinistra que me salvou do absurdo. Não consegui jogar na Mega-Sena naquele dia. Estava lá, presa, sem celular, não pude pedir pra ninguém. Nessa época, minha mãe já achava um absurdo eu gastar dinheiro com isso. E Gisele gargalhava de mim e dizia, bem nojentamente, que só o trabalho compensa, só o que é verdade é o trabalho árduo.

E aí.

E aí.

E aí.

Vocês já sabem. Na única vez na vida que não joguei os números que afloraram na minha infância, eles foram sorteados. Antes de conferir,

pensei se deveria. Era melhor nem ver, mas aquilo já fazia parte da minha dinâmica de vida e quando vi, surtei. Surtei. Minha irmã queria me internar numa clínica, escrota. Minha mãe queria que eu fosse para um retiro de silêncio, doida. Imagina ficar em silêncio quando eu só queria xingar Deus, o mundo, o azar. Nunca fui pobre, mas também nunca tive dinheiro. Meu pai foi comprar cigarros, cervejas, sapatos, charutos, meu pai foi comprar um supermercado inteiro e nunca mais voltou. Minha mãe sempre foi tresloucada, “mexia com teatro”, meio atriz, meio produtora, meio camareira, imagine, dinheiro não parava muito. Minha irmã ficou rica cedo, modelo, depois atriz, aquela coisa, aquele pacote. Ganho dinheiro com minha voz, sou dubladora. De vez em quando reconhecem, mas é raro. É bonito ganhar dinheiro com a voz, mas é pouco, preciso confessar caso você tenha se animado. Minha irmã adora ter mais dinheiro do que eu, do que a mãe. Ela sente prazer em ter. Não em ter conquistado, o que acho inusitado. Nunca peço emprestado, mas ela de vez em quando insiste em dar, e eu também não vou negar. Quer esbanjar? Então me dá essa porra, sua vaca.

Comecei a ficar cheia de tique depois desse ocorrido. A galera da dublagem achou que eu estava usando drogas, e eu até estava, mas muito pouco. Para o trauma que eu vivi, precisava de mais drogas, até.

Minha irmã já se separou muitas vezes. Minha mãe e eu temos uma piada interna: “Gisele Rocha e fulano de tal permanecem se admirando mutuamente, mas agora como amigos”, o maior fofoqueiro do país escrevia toda vez. E o fulano de tal jogava coisas pela janela, minha irmã esmurrava a porta, xingamentos pela casa inteira, minha mãe me pedia ajuda por mensagem de celular: “*Help!* Sua irmã e o namorado permanecem se admirando, mas agora como amigos”. Era a frase para saber que a merda ia explodir no ventilador. Minha mãe morava na casa ao lado e ouvia os horrores. Às vezes eu ia ajudar. Mas depois que a violência caiu em mim, não mais. Onze vezes, não estou brincando. Nas onze vezes, minha irmã disse: “Dessa vez me apaixonei de verdade”. Parte de mim queria admirar minha irmã e pensar que ela é verdadeira com as próprias ações e palavras. Mas a volatilidade impera. E ela é do tipo que escreve em posts no Instagram: “Esse bruxo chegou na minha vida para balançar todas as minhas estruturas, e eu sabia que minha vida ia mudar”. Bela foto do casal se beijando. Corta para um mês depois ela tendo que apagar a foto porque ela e o tal bruxo tiveram a pior briga da história. Tudo bem. Famoso “quem nunca?”. Mas me pergunto se ela já bateu em algum ex. Teve um que entrou em contato comigo, mas morro de medo do cara só querer extorquir grana. Quero que ela se foda,

mas aí fala com ela, bonitão. Se quiser falar comigo, quero falar sobre traumas e agressões. Que *bad* do caralho. Será que ela bateu nesse maluco? Ou só em mim mesmo? Porque sou mulher. Irmã caçula. Ela diz que não lembra, ela diz que eu provoquei. Não falamos mais disso por um tempo. Minha analista diz que não tem solução. Minha irmã não elabora nada, é fútil e leviana. Faz terapia com uma pessoa que diz “eu te amo” pra ela. Juro. Mamãe e eu rimos quando soubemos, depois ficamos preocupadas com as consequências que nos afetam, mas há uns anos ela já desistiu de Gisele. Eu ainda me choco. Lembro de uma vez que tentei me lamentar sobre a falta de figura paterna nas nossas vidas. Gisele chegou a conhecer nosso pai, tem até lembranças. Eu não. Acho que sim, mas talvez seja a ilusão de uma foto. E um dia desabafei em tom leve, nada pesado: “Ah, não aguento mais falar sobre nosso pai na análise”. Ao que ela disse: “Eu nunca falo sobre ele ou sobre nossa mãe na terapia”. Estatelei-me e entendi muita coisa. Só não entendi como éramos irmãs.

Acabo achando que vou querer, sim, causar um bafafá na premiação e resolvo não ir. Há dias que quero tacar fogo, mas hoje sinto um alerta de perigo. Sinto que posso me machucar. Causaria, seria espetacular, mas eu me machucaria também. Melhor não. E eu só queria ferir um pouco minha irmã. Constrangê-la de leve. Mas tudo poderia

respingar em Ritinha, em mim. Então, hoje não. Fica pra próxima. O tombo virá, mas melhor outro dia. Estou com os cabelos escovados, mas me proponho a ficar com minha sobrinha, que está numa fase de se machucar de meia em meia hora. Ao mesmo tempo que é bom ter consciência corporal, também deve ser muito livre apenas ser um corpo solto e com outras pessoas mais qualificadas que tomam conta se você vai ou não rasgar a cabeça. Gostaria que alguém estivesse cuidando se minha cabeça está passando muito perto de quinas ou não. Minha irmã fica feliz que eu não vou, percebo. Diz que a babá também vai ficar, pois já combinou com ela. Digo que ok, pois me dou bem com Cinthia.

Acompanhamos a premiação em algum site. Há pessoas não preparadas e constrangedoras na escadaria do teatro perguntando idiotices como: “Quem é sua dermatologista?”. Lembro da época em que perguntavam de onde era seu vestido. Mas o mais caro agora não é mais o tecido. E sim a pele botocada e preenchida. E Gisele, claro, possui o pacote completo. Ela não paga tão caro por isso, pois faz parceria com uma dermatologista bam-bam-bam. Precisa postar quando está por lá, fazer alguns “antes e depois” e pronto: um baita desconto, quiçá o procedimento gratuito. Gisele já ofereceu botox para minha mãe e para mim. Minha mãe fez uma vez, mas estranhou muito, disse que teve uma dissociação. Aos setenta e um anos, se olhou

no espelho e entrou em pânico por não se reconhecer. Criou uma teoria de que o botox injetava burrice, pois, coincidentemente depois da aplicação, começou um processo de esquecimento, que ainda está bem leve, mas que se iniciou ali. Culpa o botox. Eu agradei, mas não aceitei. Sou vaidosa, mas dentro do desejo talvez pré-histórico de ser testemunha ocular do que acontece com nosso rosto e corpo de forma natural. Sendo caçula de uma pessoa ultravaidosa e narcisista, também era natural que eu migrasse para o oposto, chegando até a ser mais rebelde na adolescência, usando roupas do avesso, não penteando o cabelo por dias. Entendo que, não tendo vida pública, ninguém comenta minha aparência, só quem se deita comigo. Gisele recebe muitos comentários sobre a aparência dela, faz campanhas para uma segunda-feira sem filtros nas redes sociais, prega a tal beleza natural, mas fica fácil não usar maquiagem ou filtro tendo feito procedimentos no mês passado. Tenho pena, tenho raiva. Somos irmãs, não somos amigas, somos mulheres. Todas as pessoas que passam no tapete vermelho fizeram procedimentos. Todas. A entrevistadora influencer, ela superficial, e o amigo influencer gay, ele limitado, esses parecem até irmãos gêmeos, possuem sorrisos assustadores. Dentes com um branco que nem existe e lábios inchados como se fossem alienígenas. Eu ia dizer “patos”, mas o pato é mais bonito, acho. Como a

beleza alienígena ainda nos é desconhecida, acabo dizendo isso. Mas, assim, coitados dos ETs. Gisele diz que é possível, sim, ter um resultado harmônico com poucas mexidas. Não é o caso ao ver a premiação. Se alguém sorri assim pra mim na rua, saio correndo. Parece um sorriso de assassinato. Tenho pena de Ritinha ver essas pessoas e naturalizar essa estética. Eu até via novelas quando era criança, e a musa tinha buço. E os sovacos ficavam molhados, e os poros eram poros, um pequeno orifício. Orifício real. Agora tudo é liso, o rosto dessa atriz é liso, o do ator também, liso, chapado. Não há mais poros. Talvez só no espelho. E olhe lá, há quem se arrume antes de ir ao espelho.

Tapete vermelho. Tapete bandeira vermelha. Depois do show de horrores, sócias e manequins, a premiação começa. Eu mantenho um olho em Ritinha, que está meio sonolenta, Cinthia com um olho no celular flertando com um paquera e um olho na idiotice dos agradecimentos. “Significa muito pra mim, eu não esperava.” Ninguém enlouquece, ninguém manda um OLE de zoeira no microfone, ninguém fala merda, ninguém fala sério, decoraram a fórmula de Bhaskara e agora decoraram a reação da vitória, não abrem a porta da espontaneidade, não abrem a porta do sótão do inconsciente, não abrem o cu nem a Kundalini, não que devessem, afinal, que bobagem um troféu da *Ilustres*, mas, por ser uma besteira, não seria melhor tentar um ato

situacionista? Não seria a hora para um ato antro-
posófico? É assim que se agradece? Falam mal da
palavra “gratidão”, mas tal palavra isolada ape-
nas, dita no microfone, seria melhor do que o que
está sendo dito. Feito. Sinto uma vergonha alheia
enorme. Vou até a cozinha pegar uma cerveja pra
ver se passa.

Eis que, de repente, minha irmã ganha. Ouço
seu nome. Volto pra sala. Consigo ter alguma em-
patia nesse momento e, ao ver Ritinha feliz vendo
a mãe pixelada na tela, esboço um sorrisinho, mas
um raio de imagem do dia que ela me espancou
(éramos adultas, foi durante a pandemia) irrompe
na minha cabeça de forma voraz. Um raio ilumi-
nando tudo: Gisele com cara de sonsa fazendo
vídeo para ONGs que protegem mulheres de
agressores. Volta o breu. Outro raio: Gisele meten-
do a mão na minha cara, segurando meu pescoço,
socando minha barriga. Volta o breu. Gisele nunca
pedindo desculpas. Ou alegando que eu a enlou-
queci (eu apenas não quis fazer algo na hora exata
que ela pediu). Não éramos crianças. Isso foi na
pandemia. Isso foi outro dia. Adultas. Famoso
quarenta mais. Ela agradece o prêmio com sua voz
falsídica. Penso se algum dia ela já bateu ou ainda
vai bater em Ritinha. É difícil demais permanecer.
Parece que tive um derrame. Nem sei como é a
sensação, mas é o que parece que estou tendo.
Tenho o ódio de quem faria merda essa noite. Mas

Rita tem olhos que lembram minha mãe, felizmente, pouco vejo Gisele nela. Um formato da cabeça do pai dela, talvez. Um ex de Gisele, *que decidiram seguir caminhos diferentes, mas permanecem se admirando mutuamente, só que como amigos*. Contenho a raiva e procuro me organizar. Quando perdi a chance da Mega-Sena e afundei num buraco muito trevoso, ela não quis lidar. Queria que eu sumisse, que me internasse. “E daí que você não ganhou milhões, Glória?” O ódio que eu tenho de gente rica que não entende como a falta de dinheiro é um dos principais problemas do mundo. “Ah, mas a felicidade está nas pequenas coisas.” Consigo ouvir a voz dela falando.

— Tománocu!

Grito em voz alta, e Cinthia não entende ao certo o que eu falei. “Tomar no cu?”, pergunta baixinho. Não repito, porque Ritinha já está repetindo por mim. “Mánocu, mánocu.” Chega a ser engraçado, ela parece agora uma pequena criança de uma seita misteriosa fazendo alguma dança específica enquanto repete “mánocu, mánocu”, balançando o corpinho pra cima e pra baixo. Organizei minha raiva. Gisele diria que é inveja, porque coitada, a terapeuta lhe diz que a ama, como ela poderia estruturar além? Minha vida é boa. Mesmo sem os milhões que perdi porque o destino assim operou, minha vida é possível. O que não é possível é estar com ela. E seus milhões e

sua agressão física e sua dissimulação em campanhas contra violência doméstica. Acabou.

Antes de partir para nunca mais voltar, pego um papel, anoto os seis números da minha vida e vou colocar dentro da fralda de Ritinha. Ela é muito nova para termos um momento “minha sobrinha querida, um dia na vida você vai entender que isso aquilo isso”. Acredito que esses números vão sair de novo. Rubens, o porteiro da infância, que tomara que hoje em dia seja livre para ser Rebeca, me jurou que poderia acontecer de novo. Não sei, na estatística da história da loteria, quantas vezes os mesmos números saíram. Mas creio em Rubens, em Rebeca, creio nesses números. Enquanto escrevo no papel, meu corpo inteiro vibra. Devo ser viciada, dessas que nem sabe, coitada. Mas se uma vez aconteceu, se estive tão perto, ainda creio que possa acontecer de novo. Que otária, mas que linda também. Dobro o papel e o coloco na fralda de Ritinha. Torço para que Cynthia (eu soube agora que é com Y, enquanto olho a geladeira e um recado acusa o Y) ache o papel. Por aguentar minha irmã, ela merece.

Antes de sair de casa, à francesa, olho para a tela do computador e vejo Gisele ainda com o prêmio na mão, um discurso pra lá de sem graça, mas uma mulher invade o palco com algum cartaz que não consigo ler. Gisele sem graça, a mulher tomando o microfone para si. Antes de ir, vibro: não ganhei na loteria, mas vai rolar um bafafá.

PAUSA PARA UM CIGARRO:

Muito medo de virar o Elvis, muito. Começar me apropriando, de repente imitando, e subitamente imito tanto que crio essa personagem e faço tanto sucesso que é impossível sair dela, porque agora ganho rios de dinheiro. E, como ganho rios de dinheiro, não consigo mais dormir (é mentira que os bilionários dormem bem. Assim como Elvis, estão todos entupidos de bolinha. Eu amava quando chamavam droga de bolinha. Fulano toma bolinha pra acordar, bolinha pra dormir. Agora tudo é droga, que não é um nome ruim, mas é mais Xuxa nos anos 1980 dizendo não a isso. Eu achava “bolinha” mais simpático. Abri parênteses, nunca mais fechei. Mas medo de virar o Elvis e nunca mais conseguir sair daquilo. Medo de não conseguir demitir meu empresário: por pena, porque começamos juntos, porque assinei coisas sem saber, porque sou medrosa. Medo de algum dia descobrirem que eu sou loira natural e pinto de preto só para parecer rebelde. Muito medo de mexer meus quadris de um jeito que as pessoas vão desmaiar. Muito medo de ser muito charmosa, pavor. Que medo de mandar bem na frente de milhares de pessoas. Que medo de ver gente preta sendo bem melhor do que eu, e eu usar coisas delas e levar crédito por isso, que temor! Medo de ter um irmão gêmeo que morre no parto e minha mãe ficar obcecada comigo. E eu

depois ficar com ela. Medo de ir para a Alemanha servir no exército e lá conhecer minha esposa menor de idade. Muito medo de não conseguir comer minha esposa depois do casamento porque agora eu sacralizei a maternidade dela. Que cagaço de só ter tesão em prostituta ou em fãs alucinadas, mas não na minha mulher. Muito medo de cair no ostracismo e depois fazer um especial para a TV com o meu retorno. Medo de usar uma roupa de couro bem sexy e mostrar que eu ainda sou sinistro. Medo de nascer em capricórnio e morrer em leão. Medo do Frank Sinatra não gostar de mim porque se sente ameaçado. Medo de sentir que Las Vegas é o meu lugar e, depois que eu morrer, em vez de minha alma ir para um hospital do céu, no clima da novela *A Viagem*, eu virar padre em capelas que promovem casamentos rápidos entre pessoas que ou acabaram de se conhecer ou estão bêbadas. Que medo de morrer com quarenta e dois, a idade que tenho agora. Que medo de ser o Elvis e nem saber que é meu último show, que vou para casa tomar bolinha, crente-crente que amanhã vou repetir tudo igualzinho. Só que não. Muito medo dessa ser a última vez que eu vou suar que nem um condenado enquanto toco piano e canto aquela música do filme *Ghost*: “Oh, my love, my darling, I’ve hungered for your touch. A long, lonely time”. As pessoas pedem bis, mas o segurança diz: “Elvis deixou o prédio”. Por mim, eu voltaria. Pelo medo, não.